

## Sermão 252

A pesca milagrosa V.

Para a semana de Páscoa.

Santo Agostinho

**Estando Jesus um dia à margem do lago de Genesaré, o povo se comprimia em redor dele para ouvir a palavra de Deus. Vendo duas barcas estacionadas à beira do lago - pois os pescadores haviam descido delas para consertar as redes -, subiu a uma das barcas, que era de Simão e pediu-lhe que a afastasse um pouco da terra e sentado, ensinava, da barca, o povo. Quando acabou de falar, disse a Simão: “Faze-te ao largo e lançai as vossas redes para pescar”. Simão respondeu-lhe: “Mestre, trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos, mas, por causa de tua palavra, lançarei a rede”. Feito isto, apanharam peixes em tanta quantidade, que a rede se lhes rompia. Acenaram aos companheiros, que estavam na outra barca, para que viessem ajudar. Eles vieram e encheram ambas as barcas, de modo que quase iam ao fundo<sup>1</sup>.**

**Chegada a manhã, Jesus estava na praia. Todavia, os discípulos não o reconheceram. Perguntou-lhes Jesus: “Amigos, não tendes acaso alguma coisa para comer?” Não, responderam-lhe. Disse-lhes ele: “Lançai a rede ao lado direito da barca e achareis”. Lançaram-na e já não podiam arrastá-la por causa da grande quantidade de peixes.**

**Então aquele discípulo, que Jesus amava, disse a Pedro: “É o Senhor!” Quando Simão Pedro ouviu dizer que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se às águas.**

**Os outros discípulos vieram na barca, arrastando a rede dos peixes (pois não estavam longe da terra, senão cerca de duzentos**

---

<sup>1</sup> Lucas 5: 1-7.

**côvados). Ao saltarem em terra, viram umas brasas preparadas, um peixe em cima delas e pão.**

**Disse-lhes Jesus: “Trazei aqui alguns dos peixes que agora apanhastes”. Subiu Simão Pedro e puxou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes. Apesar de serem tantos, a rede não se rompeu<sup>2</sup>.**

## **Análise**

*O Senhor quis nos ensinar com suas ações tanto quanto com suas palavras. Assim, das duas pescas milagrosas que ele ordenou aos seus discípulos, uma antes e outra depois de sua Ressurreição, a primeira representa a Igreja militante, onde os bons estão misturados aos maus, onde os judeus e os gentios, representados pelas duas barcas, foram sacudidos tão violentamente que quase foram ao fundo várias vezes, pois não haverá para sempre esses maus que o Senhor chama também de palha misturada ao bom grão.*

*A segunda pesca, que acontece depois da Ressurreição, representa a Igreja triunfante, onde só serão admitidos os bons. O próprio número cento e cinquenta e três, o total de peixes capturados então, lembra esta verdade. Neste número, de fato, o número três parece destinado a indicar que é preciso dividir cento e cinquenta por três, para que se obtenha o número cinquenta.*

*O que significa cinquenta? Ele não lembra os cinquenta dias de alegria que passamos depois da festa de Páscoa? É manifesto que*

---

<sup>2</sup> João 21: 4-11.

*nas Escrituras o número quarenta lembra a vida presente com suas fadigas e suas privações. Ao quarenta acrescente o número dez (o denário), aquele que indica a recompensa assegurada aos justos na vida eterna, porque este número é composto pelo sete, a criatura formada em sete dias e o três, a Trindade divina e você obterá o cinquenta, o símbolo da multiplicidade.*

*Multiplique agora cinquenta por três e acrescente ao total o número fundamental e sagrado de três e você obterá cento e cinquenta e três.*

*Mas, embora estes cinquenta dias do tempo pascal simbolizem a felicidade eterna, evite se dedicar a prazeres perigosos e encontrar neles a perdição eterna.*

## **01 – As duas pescas milagrosas podem ser interpretadas de diversas maneiras.**

É sob um grande número de formas diferentes que Nosso Senhor Jesus Cristo nos apresenta, nas santas Escrituras, as grandezas de sua divindade e as obras piedosas de sua humanidade e se ele recorre habitualmente a figuras e ações misteriosas é para que consigamos, ao pedir, que encontremos, ao procurar e que ao batermos, seja aberto para nós.

Assim, a própria passagem que acaba de ser lida no santo Evangelho pede para ser compreendida com cuidado, estimulando,

quando assim é feito, a alegria espiritual no coração. Que suas santidades examinem então com que propósito o Salvador se manifestou aos seus discípulos da maneira que é apresentada hoje pela Escritura.

Os discípulos tinham ido pescar e durante toda a noite eles não tinham capturado absolutamente nada. De manhã, o Senhor apareceu para eles na praia e lhes perguntou se não tinham algo para comer. Não, eles responderam. *Lançai a rede ao lado direito da barca e achareis*, disse-lhes o Senhor.

Ele tinha vindo como que para comprar, mas foi ele quem deu gratuita e abundantemente! Ele deu tirando do mar, que é uma obra sua. Que milagre!

Os discípulos, de fato, jogaram suas redes e capturaram uma quantidade tão grande de peixes que mal podiam retirá-los.

No entanto, ao pensarmos no Autor desse milagre, isto não é de se espantar. Ele já não tinha feito muitos outros e mais admiráveis ainda? Depois de ter ressuscitado mortos antes de sua Ressurreição, ele não poderia fazer com que fossem capturados peixes?

Investiguemos melhor este milagre e saibamos do mistério que ele nos revela.

Não foi sem motivo que, invés de dizer simplesmente: *Lançai a rede*, o Senhor disse: *Lançai a rede ao lado direito da barca*, nem que o Evangelista nos fez saber o número exato de peixes.

Observem também que, *apesar de serem tantos, a rede não se rompeu*. Aqui, de fato, o Evangelista faz alusão a outra pesca semelhante ordenada também pelo Salvador antes de sua Paixão, quando ele escolhia seus Apóstolos.

Pedro, João e Tiago estavam então juntos. Obedecendo a ordem do Senhor, eles jogaram suas redes, capturaram uma quantidade incontável de peixes e, depois de terem enchido uma barca, eles chamaram a barca vizinha para ajudar, que foi cheia igualmente como a primeira. Não nos esqueçamos de que isto foi antes da Ressurreição e que os peixes foram tantos que as redes acabaram se rompendo.

Por que o número de peixes capturados na primeira pesca é indeterminado? Por que as redes se rompem nela e isto não acontece na segunda pesca? Por que o Senhor não diz para jogar a rede do lado direito, enquanto que na segunda pesca ele diz expressamente: *Lançai a rede ao lado direito da barca?*

Não, nada disso foi sem motivo. O Senhor não agiria então de forma aventureira e sem propósito. Cristo é o Verbo de Deus e ele nos instrui não apenas com suas palavras, mas também com suas ações.

## **02 – As redes são as palavras de Deus e o mar é o mundo.**

Nós nos propusemos então examinar, com suas caridades, o que significam essas circunstâncias tão diversas. Se as redes capturaram na primeira vez uma quantidade indeterminada de peixes, se foram carregadas duas embarcações, se as redes se romperam e se não foi ordenado que elas fossem jogadas em um determinado lado, foi para mostrar um mistério que se realiza nos tempos atuais.

Quanto ao mistério da segunda pesca, não foi sem motivo que ele aconteceu depois da Ressurreição, quando ele não deve mais morrer, mas viver eternamente, não apenas em sua divindade que não morre jamais, mas também em sua carne, que ele condescendeu imolar por nós.

Não, não foi em vão que um destes milagres aconteceu antes de sua Paixão e o outro depois de sua Ressurreição; que, sem determinar nem o lado direito e nem o esquerdo, o Senhor disse na primeira vez: *Lançai as vossas redes* e na segunda: *Lançai a rede ao lado direito*; que não foi precisado nenhum número na primeira vez, já que só é falada de uma quantidade tão prodigiosa de peixes que as duas barcas quase afundaram, enquanto que na segunda pesca o número de peixes é determinado e que, além disso, é dito que eles são grandes peixes; que na primeira pesca, enfim, as redes se romperam, enquanto que o Evangelista disse sobre a segunda: *apesar de serem tantos, a rede não se rompeu*.

Não vemos, meus irmãos, que as redes são as palavras de Deus, que o mar é este mundo e que são todos aqueles que creem que estão capturados nessas redes misteriosas?

Há dúvidas de que é este o sentido? Escutemos o Senhor em pessoa explicar em uma parábola o que ele acaba de fazer com este milagre. Ele diz: *O Reino dos Céus é semelhante ainda a uma rede que, jogada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. Quando está repleta, os pescadores puxam-na para a praia, sentam-se e separam nos cestos o que é bom e jogam fora o que não presta. Assim será no fim do mundo: os anjos virão separar os maus do meio dos justos e os arrojão na fornalha, onde haverá choro e ranger de dentes*<sup>3</sup>.

Portanto, as redes lançadas ao mar representam a fé. Este mundo, afinal, não é um mar onde as pessoas se devoram como os peixes se devoram? São pequenas as tempestades e as ondas, ou seja, as tentações que agitam esse mar? São pequenos os perigos para os navegadores, ou seja, aqueles que, na madeira da cruz, estão em busca da pátria celeste? Portanto, a analogia de tudo isso é evidente.

### **03 – As duas barcas representam o chamado ao judaísmo e à gentilidade.**

Mas, como a Ressurreição do Senhor é o símbolo da nova vida que desfrutaremos quando o mundo tiver chegado ao seu fim, exami-

---

<sup>3</sup> Mateus 13: 47-50.

nemos apenas como a palavra de Deus foi inicialmente jogada nesse mar ou lançada no mundo. Sim, ela foi jogada no meio deste mundo, cujas ondas são agitadas, as tempestades muito perigosas e os naufrágios muito cruéis. Nele ela capturou peixes até encher duas barcas.

O que simbolizam essas duas barcas? Dois povos. Esses dois povos são como duas muralhas que chegam de direções opostas e que se reúnem em uma mesma pedra angular: o Senhor Jesus<sup>4</sup>.

O povo judeu, de fato, tinha hábitos bem diferentes dos povos gentios, que tiveram que deixar seus ídolos. Os judeus tinham a circuncisão e os gentios não tinham. Foram costumes opostos de onde partiram esses dois povos, para se unirem na pedra angular.

Não é preciso, de fato, que dois muros não tenham as mesmas direções para que se unam na pedra angular? Foi assim que entraram em acordo, na pessoa de Cristo, os judeus, que ele chamou de perto e os gentios, que ele chamou de longe.

Os judeus estavam mais próximos, pois adoravam um só Deus. Mas, o que era que eles faziam, quando se aproximavam de Cristo? Eles vendiam tudo o que possuíam e depositavam o dinheiro aos pés dos Apóstolos, que distribuía a cada um segundo suas necessidades<sup>5</sup>. Assim, eles se livravam do fardo dos assuntos do mundo, para viverem mais facilmente Cristo e tomando sob os ombros seu jugo,

---

<sup>4</sup> Cf. Efésios 2: 11-22.

<sup>5</sup> Cf. Atos 4: 34 e 35.



que é suave, eles se uniam a ele como à pedra angular e encontravam nela a paz que não tinham antes, por mais próximos que fossem.

Os gentios também vieram a ele, mas de mais longe e, no entanto, uma vez unidos a esse ângulo sagrado, desfrutaram nele da mesma paz.

Esses dois povos foram então simbolizados pelas duas barcas. Ora, essas barcas foram cheias com uma quantidade tal de peixes que ficaram a ponto de afundar. E entre os crentes vindos do judaísmo havia pessoas carnais que eram, para a Igreja, uma sobrecarga que impedia os Apóstolos de pregar o Evangelho aos gentios e que repetiam: “Cristo só veio para os judeus e os gentios devem ser circuncidados se querem ter parte no Evangelho”.

Por isso o apóstolo São Paulo, cuja missão abraçava a gentilidade de uma maneira especial, foi atacado por cristãos vindos do judaísmo, embora ele só pregasse a verdade<sup>6</sup>, pois ele queria que, mesmo vindo de direções contrárias, os gentios se unissem ao Ângulo, para nele encontrar uma paz sólida.

Mas aquelas pessoas carnais, que impunham a circuncisão como um dever, não eram cristãos espirituais. Elas não percebiam que o tempo das observações carnais tinha passado e que o esplendor jogado pelo Messias advindo deveria dissipar todas as sombras. As-

---

<sup>6</sup> Cf. Gálatas 4: 16.

sim, ao estimularem perturbações na Igreja, elas colocavam, por causa do seu grande número, a embarcação em perigo.

#### **04 – Os males que afligem a Igreja peregrina.**

Examinemos também a outra barca. Vejamos se, entre os gentios, não houve, entrando na Igreja, um número grande daqueles que possamos comparar à palha, que mal deixa que vejamos alguns grãos de trigo.

Infelizmente, quantos saqueadores, quantos beberrões, quantos maledicentes, quantos frequentadores dos teatros! Não vemos os teatros cheios daqueles que também enchem as igrejas? Esses encenqueiros procuram frequentemente nas igrejas o que procuram nos teatros.

Muitas vezes também, se tratamos de verdades e deveres relativos à vida espiritual, eles resistem, eles lutam em favor da carne contra o Espírito Santo, como aconteceu com Estevão, quando ele censurou os judeus por se comportarem assim<sup>7</sup>.

Nesta cidade mesmo, suas santidades se lembram, meus irmãos. Não sabemos do perigo que corremos, quando Deus banuiu desta basílica as cenas de embriaguez<sup>8</sup>? O tumulto estimulado por pessoas carnais não fez quase afundar nosso barco? A causa desse perigo não foi a enorme quantidade de peixes?

---

<sup>7</sup> Cf. Atos 7: 51-54.

<sup>8</sup> Ver *Cartas* 22 e 29.

Está escrito também sobre a primeira pesca que as redes se romperam. Essa ruptura é o símbolo dos cismas e das heresias que se formam.

Todos, de fato, estão presos nas malhas da rede, mas os peixes impacientes que se recusam se deixar servir na mesa do Senhor engordam o quanto podem e depois arrebatam a rede e escapam.

Essa rede imensa cobre todo o mundo, mas ela só se rompe em determinados lugares. Foi o caso dos donatistas, que a romperam na África; os arianos, no Egito; os fotinianos, na Panônia; os catafrígios, na Frígia; os maniqueístas, na Pérsia.

Em quantos lugares acontecem as aberturas! Isto não impede, no entanto, os peixes que ficam de chegarem à praia.

Há, portanto, os que chegam à praia. Mas são aqueles que escaparam?

Todos os que escapam são maus. Só os maus escapam. No entanto, ainda ficam alguns maus com os bons. Não fosse assim, o Senhor não diria que a rede é tirada na praia com os peixes bons e os peixes ruins.

## **05 – A palha e o bom grão ficam misturados até a volta do Senhor.**

A eira fornece uma comparação semelhante, quando acontece a debulha. Há na eira a palha e o trigo, mas, ao olharmos para ela, é

difícil perceber outra coisa além da palha. É preciso examinar com cuidado para distinguir o trigo misturado nela.

Nessa eira os ventos sopram por todos os lados. No momento mesmo em que é batida e antes que seja revirada para o grão ser peneirado, ela não fica exposta ao vento?

Mas, ao soprar, por exemplo, de um lado, o vento levanta a palha e a leva para o outro lado, de onde sopra também. Seja de que lado for que o vento sopra, ele levanta a palha e a joga na cerca, nos espinhos ou em qualquer outro lugar. Mas ele não levanta o trigo; ele só carrega a palha.

Quando então os ventos, ao soprarem de todos os lados, levam as palhas, eles não deixam o trigo na eira? Eles levantam as palhas, mas ainda permanecem algumas misturadas ao trigo.

Quando então será levada toda a palha? Quando o Senhor vier, com a pá na mão, ele limpará toda a eira, guardando o trigo no celeiro e jogando a palha em um fogo inextinguível<sup>9</sup>.

Eu peço que suas caridades ouçam com mais atenção ainda o que eu vou dizer. Acontece às vezes de, depois de ter levado uma palha para fora da eira, os ventos retornam mais tarde do lado da cerca onde tinha parado essa palha e eles a jogam de volta na eira.

Assim, por exemplo, um católico experimenta alguma aflição, alguma provação. Ele observa que os donatistas podem ajudá-lo em

---

<sup>9</sup> Cf. Mateus 3: 12.

seu problema material e estes lhe dizem mesmo: “Só o ajudaremos se você se unir a nós”.

Aí está o vento soprando! Ele joga essa pessoa no meio dos espinhos.

Mas eis que surge, para essa mesma pessoa, um novo problema material, que ela só pode resolver no âmbito da Igreja Católica. Sem levar em conta onde está, mas unicamente onde ela pode resolver seu problema, é como se o vento viesse agora do outro lado da cerca e ela retorna à eira sagrada do Senhor.

## **06 – É possível à palha transformar-se, se ela quiser, em trigo.**

Saibam então, meus irmãos, o que são essas pessoas que procuram na Igreja os bens temporais, sem ter em vista aqueles que Deus promete. Aqui, efetivamente, há tentações, perigos, dificuldades e é somente após os trabalhos desta vida que o Senhor nos promete o eterno repouso e a companhia dos anjos.

Aqueles então que não se propõem como objetivo esses bens eterno e que procuram na Igreja vantagens carnis, estes são a palha, tanto quando estão na eira quanto separados da eira.

Ah, eles não nos inspiram grande alegria e não lhes concedemos inúteis bajulações!

Que eles se transformem em trigo! A diferença que separa a palha propriamente dita dessas pessoas é que a palha não possui o livre arbítrio dado por Deus aos humanos.

Se então uma pessoa quiser, depois de ter sido palha ontem, hoje ela pode se tornar trigo, assim como hoje ela se torna palha, se volta as costas à palavra de Deus. E com o que devemos nos preocupar, se não é com o estado em que deve nos encontrar o Supremo Joeireiro?

### **07 – Na Igreja celeste só estarão os bons.**

Agora, meus irmãos, pensem nessa Igreja bem-aventurada, invisível e grande, representada pelos cento e cinquenta e três peixes. Sabemos, conhecemos e vemos qual é o estado da Igreja presente. Mas, como será essa outra Igreja? Só sabemos ainda pelas profecias e não por nossa experiência. Podemos, no entanto, nos rejubilar com o que ela será, mesmo não a vendo com nossos olhos.

As redes não foram jogadas, na primeira vez, nem à direita e nem à esquerda, porque elas deveriam capturar maus e bons. Se tivesse sido ordenado que elas fossem lançadas à direita, não haveria maus. E nem bons, se fossem lançadas à esquerda. Como elas deveriam envolver os maus com os bons, elas foram jogadas ao acaso e capturaram, como explicamos, pecadores e justos.

Mas, na Igreja que deve morar na santa cidade de Jerusalém, onde todos os corações estão descobertos, não há que se temer que em seu interior entre algum ímpio. Ninguém esconderá então, sob o véu de um corpo mortal, a negra perfídia de um coração corrompido.

Foi por este motivo, de fato, que o Senhor, que acaba de aparecer na praia, ordena depois de sua Ressurreição e quando não deve mais morrer, que as redes sejam jogadas do lado direito. Desta forma, vemos o cumprimento destas palavras do Apóstolo: *Não julgueis antes do tempo; esperai que venha o Senhor. Ele porá às claras o que se acha escondido nas trevas. Ele manifestará as intenções dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que merece*<sup>10</sup>.

Então, quando estiverem à descoberto as consciências que agora estão veladas, lá então só haverá os bons e os maus estarão banidos. Jogadas à direita, as redes não poderão capturar nenhum pecador.

## **08 – Por que cento e cinquenta e três peixes.**

Por que o número de cento e cinquenta e três peixes? Não haverá mais santos do que isso? Mas, levando em conta somente os mártires e não todos os fiéis que morrem depois de uma vida santa, o total dos mártires em um só dia dão milhares de santos coroados no

---

<sup>10</sup> 1 Coríntios 4: 5.

céu. O que significam então esses cento e cinquenta e três peixes? Esta é uma questão que devemos examinar, seguramente.

O que simboliza o número cinquenta? Este número é, sem dúvida, um número misterioso, pois, ao ser multiplicado por três, obtemos cento e cinquenta. O número três parece acrescentado aqui somente para indicar o multiplicador que formou cento e cinquenta. Ele parece dizer: “Divida cento e cinquenta por três”.

Se houvesse aqui cento e cinquenta e dois, este último algarismo nos avisaria para dividir por dois e obter setenta e cinco, pois duas vezes setenta e cinco dão cento e cinquenta. O número dois convidaria então a dividir por dois.

Por outro lado, se houvesse cento e cinquenta e seis, deveríamos dividir cento e cinquenta por seis, para obtermos vinte e cinco no resultado.

Mas, como temos cento e cinquenta e três, devemos dividir por três o número inteiro, ou seja, cento e cinquenta. Ora, o terço deste número total é cinquenta. É então sobre este número cinquenta que deve se voltar toda nossa atenção.

## **09 – O eterno “Aleluia” dos bem-aventurados.**

Não seriam os cinquenta dias que celebramos atualmente? Não é sem motivo, meus irmãos, que, fiel à antiga tradição, a Igreja canta “Aleluia!” nestes cento e cinquenta dias.



Aleluia significa “louvado seja Deus” e esta palavra nos lembra, no trabalho, o que faremos em nosso repouso. Quando, de fato, após as fadigas da vida presente, tivermos chegado ao repouso feliz, não teremos outra tarefa além de louvar Deus; nenhuma outra ocupação além de cantar “Aleluia!”.

O que quer dizer “Aleluia”? Louvado seja Deus. Mas, quem pode louvar Deus sem interrupção, se não são os anjos? Eles não são sujeitos à fome, nem à sede, nem à doença nem à morte.

Nós também cantamos Aleluia. Nós a cantamos esta manhã e, quando aparecemos junto a vocês, tínhamos acabado de cantar novamente.

Aleluia é como um perfume que exala da pátria dos divinos louvores e do repouso bem-aventurado para chegar até nós. Mas, como o peso de nossa mortalidade logo nos sobrecarrega! Nós nos esgotamos ao cantar e procuramos reparar nossas forças. O fardo de nossos corpos tornariam onerosos os louvores divinos, se cantássemos por muito tempo. É somente depois desta vida e de suas fadigas que com todas as nossas forças e sem interrupção repetiremos “Aleluia!”

O que fazer então, meus irmãos? Repitamos este cântico na medida em que somos capazes, para podermos repeti-lo sempre e naquela morada feliz em que Aleluia será tudo ao mesmo tempo:

nosso alimento e nossa bebida, nosso repouso ativo e toda nossa alegria.

Cantar Aleluia é louvar Deus. Ora, quem é capaz de louvar sem parar, se não é aquele que desfruta sem enjojo? Qual não será então a energia de nossas almas, a imortalidade e a força de nossos corpos, para que a alma não deixe de contemplar Deus e para que o corpo não se esgote ao louvar continuamente?

## **10 – Os valores simbólicos dos números quarenta e cinquenta.**

Por que cinquenta dias são consagrados a celebrar este mistério? De acordo com os Atos dos Apóstolos<sup>11</sup>, o Senhor passou quarenta dias com seus discípulos, depois de sua Ressurreição. Passados esses quarenta dias, ele subiu ao céu e dez dias depois ele enviou o Espírito Santo.

Quando foram plenificados com ele os Apóstolos e todos aqueles que estavam unidos a eles, eles passaram a falar em diversas línguas e todos anunciavam a palavra de Deus com grande confiança, fazendo os prodígios que lemos e que acreditamos com todo nosso coração<sup>12</sup>.

O Salvador ainda passou então quarenta dias na terra com seus discípulos. Ante de sua Paixão ele tinha jejuado quarenta dias tam-

---

<sup>11</sup> Cf. Atos 1.

<sup>12</sup> Cf. Atos 2.

bém<sup>13</sup>. Somente o Senhor, Moisés e Elias praticaram esse jejum de quarenta dias. O Senhor representou o Evangelho, Moisés representou a Lei e Elias representou os Profetas, pois o Evangelho está apoiado no testemunho da Lei e dos Profetas<sup>14</sup>.

Por isso, quando o Senhor quis mostrar sua glória na montanha, ele ficou de pé entre Moisés e Elias<sup>15</sup>. No meio deles, ele recebeu todas as honras. Aos seus lados, a Lei e os Profetas lhe prestaram testemunho.

O número quarenta simboliza assim o tempo presente, o tempo em que labutamos neste mundo, pois a sabedoria só nos é distribuída nele parcialmente. Essa sabedoria nós a vemos de maneiras diferentes. Fora do tempo e no tempo, ela é comunicada de maneiras diferentes.

Os Patriarcas vieram e se foram. Seu ministério foi passageiro. Eu não digo que suas vidas foram passageiras, pois elas duram para sempre na companhia de Deus. Não é menos verdadeiro que eles só divulgaram de passagem a palavra divina, pois eles não falam mais no meio de nós, embora seus ensinamentos tenham sido conservados por escrito e eles sejam lidos no tempo.

Os Profetas igualmente vieram no tempo marcado e depois se foram. O Senhor também veio em sua hora. Sem dúvida que sua ma-

---

<sup>13</sup> Cf. Mateus 4: 2.

<sup>14</sup> Cf. Romanos 3: 21.

<sup>15</sup>

jestade jamais deixou de estar presente e, como Deus, presente em toda parte, jamais nos deixando. No entanto, o Evangelho diz o seguinte: *Esteve no mundo, o mundo que foi feito por ele e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam*<sup>16</sup>.

Como ele esteve aqui antes de ter vindo, se não é porque ele esteve aqui em sua natureza divina e veio depois em sua natureza humana? Se ele veio com uma natureza humana, foi para nos propiciar parcialmente a sabedoria. A Lei então a distribuiu parcialmente, os Profetas parcialmente e os livros do Evangelho parcialmente também.

Mas, passado o tempo, veremos tal como é essa sabedoria que dá como recompensa o denário: o número dez. Este número inclui o sete, o símbolo da criação, pois Deus trabalhou sete dias e repousou no sétimo. Ele inclui também o três, que lembra o Criador: Pai, Filho e Espírito Santo. Isto é assim porque a sabedoria perfeita consiste em submeter devotamente a criatura ao Criador, em distinguir o Fundador do que ele fundou, o Artesão de sua arte. Confundir o artesão com sua arte é não conhecer nem a arte e nem o artista, enquanto que a sabedoria perfeita consiste em fazer esta distinção e esta sabedoria perfeita é o próprio denário, ou o número dez.

---

<sup>16</sup> João 1: 10 e 11.

Mas, quando esta sabedoria é comunicada no tempo e sendo o número quatro o símbolo do que é temporal, ao multiplicá-lo pelo número dez, ou o denário, obtemos o número quarenta.

De fato, há no ano quatro estações: a primavera, o verão, o outono e o inverno. O tempo em geral é marcado sobretudo por quatro mudanças sucessivas.

A Escritura fala também de quatro ventos, pois o Evangelho que se divulga no tempo é espalhado pelos quatro pontos cardeais. A Igreja Católica não ocupa igualmente as quatro partes do mundo?

É desta forma que o denário, ou o número dez, forma o quarenta.

## **11 – O sentido místico latente no número cento e cinquenta e três.**

Esses jejuns de quarenta dias foram destinados então a nos mostrar que, nesta vida, precisamos nos livrar do amor pelas coisas temporais. É bem esta a lição dada por esses jejuns contínuos no intervalo de quarenta dias.

Por este motivo também o povo de Israel foi conduzido através do deserto durante quarenta anos, antes de entrar na terra prometida, onde deveria estabelecer seu império.

É este também nosso estado nesta vida em que encontramos tantas preocupações, medos e perigos nas provações. Somos condu-

zidos como que pelo deserto, pela Providência que vela por nós. Mas, quando tivermos completado o número quarenta; em outros termos, quando tivermos vivido santamente sob a condução de Deus no tempo, cumprindo seus preceitos, receberemos como recompensa o denário prometido aos fiéis.

Não foi o denário que o Senhor concedeu aos trabalhadores contratados por ele para trabalhar em sua vinha? Todos o receberam, tanto aqueles que chegaram para trabalhar de manhã, quanto aqueles que chegaram ao meio dia e os que chegaram ao fim da tarde.

Assim também receberão o denário todos aqueles que se mostraram fiéis desde a infância. Eles o receberão não como se recebe no tempo. Ele será para eles a sabedoria que distingue, à luz da eterna contemplação, o Criador da criatura, para desfrutar do Criador e louvá-lo por suas obras.

Mas, eis um jovem que não foi fiel desde o início de sua vida, mas que agora acredita. Ele também receberá esse denário.

Eis um velho que se converte. Ele parece ter chegado à vinha no por do sol e como que na undécima hora. Ele também receberá o denário.

Desta forma então, bem cumprido o número quarenta, acrescente o denário \_\_ o número dez \_\_ e você obterá o cinquenta. Este número simboliza a Igreja no céu, onde sempre se louvará Deus. Além disso, como foi em nome da santa Trindade que todos foram

chamados a viver sabiamente sob o número quarenta e a receber o denário, multiplique cinquenta por três e você obterá cento e cinquenta.

Ao cento e cinquenta acrescenta também o número que lembra a Trindade. Aí está o cento e cinquenta e três, o número preciso dos peixes capturados à direita.

Mas este número misterioso compreende incontáveis milhares de santos. Dessa quantidade enorme não será banido nenhum ímpio, pois eles não estarão incluídos nela.

As redes também não se romperam, pois elas serão laços suas para manter a unidade e a paz.

## **12 – O devido comportamento no período pascal.**

São explicações suficientes, eu creio, sobre este mistério profundo.

Vocês sabem então que é nosso dever trabalhar bem durante a quarentena para merecer o louvor de Deus durante a cinquentena. Assim, passamos no trabalho, no jejum e na abstinência, os quarenta dias que precedem a véspera sagrada, a noite que prepara o dia de Páscoa<sup>17</sup>, pois eles são o símbolo do tempo presente.

Quanto aos dias que se seguem a Ressurreição do Senhor, eles representam a felicidade eterna. Ainda não estamos nela e esses dias

---

<sup>17</sup> Ver Sermão 219 e seguinte.

simplesmente a simbolizam. Essa felicidade é simbolizada, mas não concretizada. Assim como não se crucifica o Senhor, quando celebramos a festa de Páscoa e só representamos, da mesma forma, antecipamos figurativamente o que deve ser sem ser ainda. Por isso interrompemos nossos jejuns nessa época, em que os próprios dias lembram, com seu número, o repouso futuro.

Mas evitem, meus irmãos, se deixar levar pela embriaguez e a permissividade, querendo celebrar estes dias de forma carnal e, por consequência, deixando de merecer desfrutar eternamente com os anjos a felicidade que estes mesmos dias simbolizam.

Talvez um beberrão que eu repreenda me questione: “Você nos mostrou que esta época do ano simboliza a alegria eterna. Você nos fez compreender que estes dias em que estamos nos predizem a felicidade do céu e dos anjos e eu não devo me divertir?”

Ah! Se ao menos você se divertisse de maneira correta e não praticasse o mal!

Sim, esta época prenuncia para você a alegria, mas com a condição de que você seja o templo de Deus. Se você enche esse templo com as impurezas do seu desregramento, ouça a voz trovejante do Apóstolo. Ele diz: *Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá*<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> 1 Coríntios 3: 17.



Grave isto profundamente em seu coração: pouca inteligência e um bom comportamento valem mais do que muita inteligência e uma vida desregrada. A perfeição, sem dúvida e a felicidade perfeita seria a reunião de uma inteligência viva e um comportamento sábio. Mas, na impossibilidade de ter ambos, mais vale um comportamento sábio do que a vivacidade da inteligência.

De fato, o bom comportamento merece um acréscimo de inteligência, enquanto que, ao se viver na desordem, perde-se até mesmo o que se sabe, pois está escrito: *Dar-se-á ao que tem e terá em abundância. Mas ao que não tem, tirar-se-á mesmo aquilo que julga ter*<sup>19</sup>.



---

<sup>19</sup> Mateus 25: 29.

## Créditos

© 2020 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Traduzido de *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Organizada pelo Abade Raulx. Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1868, por Souza Campos, E. L. de. Cotejado com as versões em italiano e espanhol, da Ordem de Santo Agostinho.

Traduzido do latim para o francês pelo Abade Raulx.

## Conteúdo

Sermão 252 .....	1
Análise .....	2
01 – As duas pescas milagrosas podem ser interpretadas de diversas maneiras.....	3
02 – As redes são as palavras de Deus e o mar é o mundo. ....	6
03 – As duas barcas representam o chamado ao judaísmo e à gentilidade. ....	7
04 – Os males que afligem a Igreja peregrina.....	10
05 – A palha e o bom grão ficam misturados até a volta do Senhor. ....	11
06 – É possível à palha transformar-se, se ela quiser, em trigo. ....	13
07 – Na Igreja celeste só estarão os bons.....	14
08 – Por que cento e cinquenta e três peixes. ....	15
09 – O eterno “Aleluia” dos bem-aventurados. ....	16
10 – Os valores simbólicos dos números quarenta e cinquenta. ....	18
11 – O sentido místico latente no número cento e cinquenta e três. ....	21
12 – O devido comportamento no período pascal.....	23
Créditos.....	26
Conteúdo.....	27